



FERNANDO LIGUORI

AS FUNDAÇÕES DO TRABALHO

ASTROLÓGICO

DA SÉRIE: ASTROLOGIA PARA THELEMITAS

Faz o que tu queres há de ser tudo da Lei.



base original da astrologia repousa sobre uma premissa fundamental: cada espírito encarna em um corpo num instante e local precisos, e, se fosse possível congelar o céu nesse exato momento, veríamos que essa configuração celeste é única para aquele ser. Tal singularidade não resulta de uma coincidência, mas de uma sincronia profunda entre os corpos celestes – uma harmonia cósmica que, quando compreendida, revela aspectos essenciais da alma encarnada.

Nos tempos antigos, a ideia de que o espírito retorna à matéria através de múltiplas vidas era amplamente aceita e desempenhava papel central na organização simbólica das culturas. De fato, durante os primeiros cinco séculos após a morte de Cristo, a crença na reencarnação era respeitada dentro da tradição cristã. Porém, por volta de 550 d.E.C., tanto essa doutrina quanto a astrologia foram sendo progressivamente rejeitadas pela ortodoxia da Igreja. Aqueles que insistiam nessas ideias passaram a ser tachados de hereges. Com o passar dos séculos, os cristãos foram se habituando à crença de que a existência humana se restringia a uma única vida, seguida por uma recompensa ou punição eternas – Céu ou Inferno. Essa mudança de paradigma afetou profundamente a forma como se passou a compreender a astrologia quando ela ressurgiu, timidamente, durante a Idade Média. Não mais como um mapa da

alma em sua jornada eterna, mas como uma curiosidade ou arte menor, deformada pela perda da memória espiritual.

O pensamento astrológico da Grécia antiga exerceu profunda influência sobre as concepções cristãs primitivas acerca da reencarnação. No *Livro VIII* de sua obra *VIDAS E DOUTRINAS DOS FILÓSOFOS ILUSTRES*, o historiador Diógenes Laércio (200–250 d.E. C.) afirma: *Pítágoras foi reportado como o primeiro entre os gregos a ensinar a doutrina de que o espírito, ao atravessar o «círculo da necessidade», estava em determinados momentos atado a diversos corpos vivos*.¹

Pítágoras de Samos, falecido em 572 a.E.C., foi não apenas matemático e místico, mas o introdutor no Ocidente da ideia de transmigração da alma – doutrina que seria retomada séculos mais tarde por Platão (427-347 a.E.C.) em sua obra *A REPÚBLICA*, especialmente no célebre MITO DE ER.

Neste tratado, Platão descreve os céus como um vasto fuso cósmico composto por oito *espiras* concêntricas – sendo a mais externa a das Estrelas Fixas, seguida por Saturno, Júpiter, Marte, Mercúrio, Vênus, o Sol e, por fim, a Lua. Esse *Fuso da Necessidade*, como foi denominado, girava nos joelhos da deusa Anánke, símbolo arquetípico da necessidade universal, do destino pessoal e da harmonia imposta à esfera do devir.²

Anánke era considerada autogerada, sem origem parental, existente desde o início dos tempos. Seus braços envolviam a totalidade do cosmos, e era sobre seus joelhos que repousava o eixo da criação – o fuso universal. Ela era consorte do deus Khrónos (o Tempo) e, como ele, descrita em forma serpentina, enlaçando toda a criação com seu corpo em espiral.

Dela nasciam as três Moiras – as Parcas do destino – que, sentadas em tronos eternos, governavam o fio da vida: fiando, esticando e cortando a linha de cada encarnação. Era crença comum que essas deusas cortavam o fio

¹ Diógenes Laércio. *VIDAS E DOUTRINAS DOS FILÓSOFOS ILUSTRES*. Madamu, 2024, pp. 132.

² Anánke, cujo nome em grego (Ἀνάγκη) significa *Necessidade*, é uma das mais antigas e enigmáticas divindades da cosmogonia órfica e pitagórica. Autogerada, sem origem parental, ela personifica a força primordial e irresistível que rege o destino de deuses e homens. Com Khrónos (Tempo), seu consorte serpentino, enlaça o Cosmos com seus corpos espirais, girando o Fuso do Destino. Em algumas versões órficas, Anánke surge no início da criação, anterior até mesmo a Zeus, e é representada como uma figura austera, de braços estendidos envolvendo o mundo – símbolo da inevitabilidade que governa todas as esferas do ser. Foi a ela que os antigos atribuíram o eixo de rotação celeste, sobre o qual giram as oito esferas do céu descritas por Platão em *A REPÚBLICA* e ecoadas na astrologia grega.

Na tradição hermética, especialmente nos textos do *CORPUS HERMETICUM*, Anánke aparece velada como o princípio de ordem e encadeamento causal que permite que o *Nous* (Intelecto divino) se manifeste no Cosmos. No tratado *Poimandres*, por exemplo, lemos que *a Necessidade governa todas as coisas* (I:10), como um princípio que garante que a descida das almas, sua separação em corpos e o ciclo dos astros ocorram segundo uma harmonia superior. Anánke, nesse contexto, não é meramente destino cego, mas a própria matriz da inteligibilidade cósmica: a regente do *logos* sideral. Ela vincula o macrocosmo ao microcosmo através daquilo que os hermetistas chamam de *heimarmene* – o destino que é inscrito nas estrelas, mas que pode ser transcendida pela *gnôsis* e pela reintegração à Origem.

Para os thelemitas, Anánke representa a estrutura invisível da Verdadeira Vontade – aquilo que, embora velado pelas escolhas aparentes, direciona o fio oculto da encarnação. Ao estudar astrologia, o Adepto não busca evitar a Necessidade, mas compreendê-la como a curvatura simbólica do espaço da Vontade. A Carta Natal, nesse sentido, é o reflexo momentâneo do Fuso de Anánke: um instante cifrado onde os corpos celestes alinham-se para plasmar a missão da alma. A astrologia para thelemitas é, portanto, a arte de reconhecer o fio tecido por Anánke e responder-lhe com consciência – transformando o que seria mera repetição cármica em rito solar de liberdade. Pois, como disse Crowley: *O amor é o instrumento de superação da Necessidade* – e só aquele que conhece seu Lote é capaz de empunhá-lo. Veja Aleister Crowley, *THE GENERAL PRINCIPLES OF ASTROLOGY*. Weiser, 2002, pp. 103.

exatamente no instante em que a alma estava pronta para nascer, interrompendo o giro do fuso. A análise desse instante congelado revelava o que hoje chamamos de Carta Natal – o *horóscopo*, espelho do céu no exato momento do nascimento, contendo as chaves de onde viemos, para onde vamos e os pontos intermediários da travessia. Os gregos chamavam essa marca pessoal de *Clēros*, ou *Lote da Vida*.

O termo *zodíaco* deriva da expressão grega *zōidiakòs kýklos* (ζωδιακὸς κύκλος), que significa literalmente *círculo de animais*. Apesar de alguns signos serem representados com forma humana – como Aquário, Gêmeos, Virgem e Libra –, os antigos não faziam distinção essencial entre o homem e os outros seres vivos: o ser humano também era compreendido como *zōidion*, um *animal dotado de logos*. Essa palavra passou ao latim como *zodiacus*, e daí ao português *zodíaco*.

O horóscopo (do grego *hōroskópos*: ὥρα + σκοπός), significa *observador da hora* – ou, mais precisamente, o instante congelado no tempo do nascimento da alma em um novo corpo. Trata-se de uma carta astronômica calculada por processos matemáticos, e não fruto de adivinhação ou acaso. Por isso, a astrologia clássica era tida tanto como arte quanto ciência – unindo contemplação simbólica e precisão técnica.

A forma circular dos mapas natais remete, não por acaso, ao símbolo da *mandala*, termo sânscrito comumente traduzido como *círculo sagrado*. Marie-Louise von Franz (1915–1998), psicóloga junguiana e discípula direta de Carl Gustav Jung, afirmou que: *a mandala representa a unidade última entre realidade interior e exterior*.³

Tal como o horóscopo, a *mandala* é um diagrama cósmico que serve para restaurar em nós a memória da nossa relação essencial com o universo – tanto aquele que nos transcende quanto aquele que pulsa dentro de nosso corpo e mente. Jung, em sua leitura profunda da astrologia simbólica, identificava a *mandala* como arquétipo do *Self* e como reflexo da Carta Natal pessoal.

A astrologia, como arte e ciência, visa interpretar as interações entre os corpos celestes a fim de compreender a vida que escolhemos viver. O termo provém do grego *astron* (ἄστρον), *estrela*, e *logos* (λόγος), *palavra*, indicando a *palavra das estrelas* – ou a doutrina do verbo astral. Nos tempos antigos, astrologia e astronomia não eram disciplinas distintas. A separação só ocorreu quando a ciência moderna passou a considerar a astrologia como especulativa, esquecendo que ambas se fundamentam na observação empírica e na formulação de hipóteses simbólicas.

No curso desta arte, é impossível não mencionar Aleister Edward Crowley, um dos maiores magos do Séc. XX. Em 1898, aos 23 anos, Crowley ingressou na *Ordem Hermética da Aurora Dourada* e adotou o lema mágico *Perdurabo – Eu perdurarei*. Por toda a vida, estudou e praticou astrologia e magia cerimonial. Embora a imprensa o tenha chamado de *o pior homem do mundo*, ele preferia os títulos de *To Mega Therion* (A Grande Besta 666) e *Mestre Therion*.

³ Marie-Louise Von Franz. ADIVINHAÇÃO E SINCRONICIDADE. Cultrix, 2022, pp. 22.

Em 1915, Crowley iniciou um processo de *ghostwriting* para a renomada astróloga Evangeline Adams (1866–1932),⁴ considerada a mais influente de sua época. Muitos ignoram que seus dois livros mais importantes – *ASTROLOGY: YOUR PLACE IN THE SUN* (1921) e *ASTROLOGY: YOUR PLACE AMONG THE STARS* (1930) – foram, em grande parte, redigidos por Crowley. Essas obras se tornaram referência para a astrologia moderna.

Um dos ensaios mais notáveis de Crowley aparece logo na primeira dessas obras e traz por título: *Free Will versus Destiny*?⁵ Nele, Crowley escreve: *caráter é destino*. Essa máxima, embora popularizada por Crowley, é atribuída originalmente a Heráclito de Éfeso (535–475 a.E.C.), filósofo pré-socrático que cunhou a expressão grega: *o caráter do homem é seu destino*.

Traduzida de diversas formas ao longo dos séculos, essa frase resume uma visão iniciática central: quem somos está determinado pela qualidade do caráter que escolhemos ao encarnar. O horóscopo não revela apenas tendências ou inclinações – ele é o diagrama oculto da alma que, antes de nascer, escolheu o seu *daimôn* e o seu fado. Como tenho demonstrado em outros escritos, o *daimôn pessoal* ou *sagrado anjo guardião* é o caráter.⁶

Ainda que seja essencial reconhecer a linguagem simbólica da astrologia, é igualmente necessário afirmar com clareza: nossos caminhos neste corpo *não estão esculpidos em pedra*. A astrologia não nos aprisiona ao Destino ou aos astros – ela nos revela *um campo de possibilidades*, que só se concretizam na ausência de *inteligência* e *vontade*. Temos *Livre Arbítrio*; e sem a compreensão profunda desse princípio, a astrologia deixa de fazer sentido. Nesse espírito, Aleister Crowley observa com precisão: *Deve-se compreender com clareza que os astros apenas indicam o que acontecerá caso a inteligência e o Livre Arbítrio não sejam utilizados para alterar o curso natural dos acontecimentos*.⁷

A Carta Natal, assim, oferece à alma encarnada um vislumbre dos alicerces de sua existência: o esboço de seu caráter e das forças fundamentais sobre as quais sua vida poderá ser construída. Por meio do horóscopo, podemos intuir o tipo de corpo que habitamos, nossas tendências à saúde ou à enfermidade, nossas potencialidades em família, amizades, riqueza e vocação – bem como nossas limitações. No entanto, como declara Crowley no mesmo texto: *[...] até que ponto desenvolveremos os traços desejáveis e superaremos os indesejáveis dependerá do uso do Livre Arbítrio*. Esse tema foi também articulado

⁴ Evangeline Smith Adams (1866–1932) foi uma das astrólogas mais influentes da virada do Séc. XX nos Estados Unidos, responsável por popularizar a astrologia como prática respeitável em um período em que era amplamente vista com desconfiança. Nascida em Jersey City, New Jersey, Adams alegava descender do presidente John Adams e cultivou uma imagem de autoridade culta e refinada, o que contribuiu para atrair uma clientela de elite, incluindo empresários, artistas e membros da aristocracia americana. Em 1914, tornou-se notória por vencer um processo judicial no qual defendeu com sucesso a astrologia como ciência baseada em cálculo astronômico, e não superstição. Seu prestígio consolidou-se com a publicação dos livros *ASTROLOGY: YOUR PLACE IN THE SUN* (1921) e *ASTROLOGY: YOUR PLACE AMONG THE STARS* (1930), ambos escritos com significativa colaboração de Aleister Crowley, que lhe serviu como *ghostwriter*. A obra de Adams permanece como um marco na legitimação moderna da astrologia no Ocidente, abrindo caminho para o surgimento da astrologia popular no Séc. XX.

⁵ *Livre Arbítrio vs Destino?*

⁶ Veja Fernando Liguori. *A Função do Daimôn Pessoal na Quimbanda*. Artigo da série *Teurgia & Cabalá Crioula*. Disponível on-line em www.goeteia.com.br. Veja também os ensaios *Sagrado Anjo Guardião* (Partes I & II) e *Mâyã: o Daimôn Viciado*. Disponíveis on-line em www.estrelaeserpente.com.br.

⁷ Em Evangeline Smith Adams. *ASTROLOGY: YOUR PLACE AMONG THE STARS*. Frederick Muller, 1931, pp. 337.

pelo místico Manly Palmer Hall (1901–1990),⁸ que escreveu: *Filosoficamente falando, aquele que não governa a si mesmo é governado pelo destino, assim como um navio sem timoneiro está à mercê do mar.*⁹

A analogia é precisa: se alguém caminha até a beira de um abismo e se lança, cairá inevitavelmente – mas até o momento do salto, ainda havia liberdade. Uma vez lançado, o ato se torna *fado*. Como também assevera Hall: *O Livre Arbítrio cessa em cada momento dado, sejam esses momentos bons ou maus para nós.*¹⁰

Essa tensão entre Destino e Liberdade é, de fato, a razão pela qual a astrologia é uma ciência de difícil delimitação. Tome-se cinco pessoas nascidas no mesmo dia, à mesma hora e no mesmo local: seus destinos podem divergir radicalmente. A diferença entre elas repousa em qual dessas almas se mantém cativa das forças exteriores – ainda escrava – e qual delas aprendeu a *agir*, ao invés de apenas *reagir*. Tudo depende das fundações espirituais, emocionais e cármicas ofertadas pelas circunstâncias do nascimento.

Infelizmente, muitos cientistas modernos rejeitam o estudo sério da astrologia. Preferem, com desdém, destacar um único erro cometido por um astrólogo para deslegitimar todo o campo, ao invés de aplicar sua razão analítica para investigá-lo com honestidade. A ironia dessa postura foi apontada pelo próprio Crowley, em uma de suas observações mais mordazes:

Astrólogos às vezes cometem erros. A partir deste fato – que nem mesmo eles ousam contestar com muito fervor – segue-se com certeza matemática que a astrologia não é uma ciência, mas sim uma farsa, uma charlatanice, uma fraude.

Compare-se sua vergonhosa incerteza com a medicina, onde nenhum médico jamais perdeu um paciente; com o direito, onde nenhum advogado jamais perdeu um caso; ou mesmo com as armas, onde nenhum soldado jamais perdeu uma batalha!¹¹

Todos erramos – mas nem todos perdoamos os erros dos outros com a mesma medida que aplicamos aos nossos próprios deslizos. Os filósofos gregos antigos refletiram profundamente sobre essa questão. Uma de suas maiores preocupações era discernir se os seres humanos são dotados de *Livre Arbítrio* ou se suas vidas são regidas por um encadeamento causal e inevitável. Para muitos deles, o Destino – *heimarmene*¹² – era uma lei universal, uma espécie de

⁸ Manly Palmer Hall (1901–1990) foi um filósofo, místico e autor canadense radicado nos Estados Unidos, amplamente reconhecido como uma das maiores autoridades do Séc. XX em simbolismo esotérico, filosofia hermética e tradições iniciáticas do Ocidente. Aos 27 anos, publicou sua obra-prima, *THE SECRET TEACHINGS OF ALL AGES* (1928), um compêndio monumental que sintetiza conhecimentos da alquimia, astrologia, qabalah, maçonaria, teosofia e mitologia comparada com rigor e erudição raros. Fundador da *Philosophical Research Society* em Los Angeles, Hall dedicou sua vida à educação espiritual, ministrando milhares de palestras e produzindo mais de 150 obras entre livros, artigos e transcrições. Embora não tenha se vinculado formalmente a ordens iniciáticas tradicionais, sua obra influenciou profundamente esoteristas, ocultistas e pensadores místicos do Séc. XX, sendo considerado por muitos um verdadeiro Adepto no sentido mais clássico do termo.

⁹ Manly Palmer Hall. *THE HISTORY OF ASTROLOGY*. Philosophical Research Society, 1980, pp. 40.

¹⁰ *Ibidem*, pp. 43.

¹¹ Aleister Crowley, *THE GENERAL PRINCIPLES OF ASTROLOGY*. Weiser, 2002, pp. xvii.

¹² Heimarmene (em grego, *εἰμαρμένη*) é a personificação do destino inevitável na mitologia grega antiga, distinta das Moiras e de Tique, pois representa não apenas o fado individual, mas o encadeamento causal cósmico que rege todas as coisas. Derivada do verbo *meiromai* (*μείρομαι*), *receber como parte* ou *porção*, Heimarmene denota aquilo que foi distribuído à alma como medida de sua existência – o quinhão inalterável da vida. Enquanto as Moiras regulavam o fio da vida individual e Anánke simbolizava a necessidade absoluta, Heimarmene era o nome

decreto obrigatório imposto pela divindade. A Carta Natal seria, então, o reflexo simbólico dessa lei. Porém, tal decreto *não deve ser interpretado como uma justificativa para o que ocorre*, nem como uma sentença inapelável. Ele expressa a estrutura interna da experiência desejada pela alma em sua encarnação. No sentido mágico moderno, esse decreto é chamado de Verdadeira Vontade – e mesmo ela *não é absoluta nem inflexível*.

Os antigos sabiam disso. Eles realizavam ritos e sacrifícios em seus templos para influenciar seus espíritos tutelares, na esperança de obter ajuda no cumprimento de seu destino. Acreditavam, ainda, que poderiam optar por realizar ou não tais ritos – e até mesmo falhar ao executá-los. Aqui reside o paradoxo do Destino: embora a vida possa parecer predeterminada, as nossas escolhas – por mais frágeis – moldam profundamente a qualidade da encarnação.

Os próprios deuses reconheciam essa contradição. Platão tratou disso em seu célebre MITO DE ER, que encerra A REPÚBLICA. A narrativa relata a história de Er, um guerreiro que morre em combate. Dez dias depois, seu corpo é encontrado intacto; ao ser colocado na pira funerária, desperta milagrosamente. Ele então relata sua travessia pelo mundo dos mortos – onde testemunha as almas escolhendo suas futuras vidas.

Após essa escolha, elas marcham por uma planície árida – a Planície do Esquecimento — até o Rio Lete (*esquecimento*). Algumas bebem em demasia, caindo em sono profundo. É nesse sono que esquecem sua herança divina. No meio da noite, uma grande tempestade e um terremoto as lançam de volta à Terra, como estrelas cadentes.

Os deuses sabiam que, uma vez vinculada a um novo corpo, a alma dificilmente lembraria sua escolha – ou sequer sua missão. Como diz Platão: *Estão aprisionadas no corpo, como numa concha de ostra*.¹³ E as águas de Lete lavam *todas* as memórias indiscriminadamente. Para mitigar esse esquecimento, os deuses concederam dois presentes sagrados à humanidade.

O primeiro presente, segundo Platão, foi a possibilidade de contemplar *amostras de vidas*, chamadas de *lotes*. No latim, a palavra *sors* (lote) designava também o deus romano da sorte. Cada Espírito era convidado a escolher um destino entre muitos – como se a vida fosse um chamado que permitisse o aprendizado do bem e do mal. Em termos alquímicos, acreditava-se que a reencarnação era a fornalha onde o Ego deveria ser purificado pelas

da lei universal que ligava todas as ações a suas consequências, como uma corrente inquebrantável entre causa e efeito, destino e escolha. No estoicismo, Heimarmene era o próprio *logos* ordenando o Cosmos: o determinismo racional segundo o qual até os movimentos das estrelas estavam interligados à alma humana.

No hermetismo, especialmente no CORPUS HERMETICUM, Heimarmene é uma das ideias centrais – e ambíguas. Ela aparece como um poder intermediário entre o céu e a matéria, agindo como tecelã do ciclo de nascimento, morte e reencarnação das almas. No *Poimandres* (I:10–14), Heimarmene é descrita como uma das forças que emanam do *Nous* (Intelecto Divino), tendo a tarefa de reger os corpos por meio dos astros e da necessidade. Sua função é vinculativa: é ela quem impõe os limites da encarnação – gênero, corpo, condição, sofrimento – ao espírito que desce às esferas inferiores. Porém, para os hermetistas, Heimarmene não é um fim em si: ela é transcendível. O *gnóstico hermético*, ao adquirir o conhecimento (*gnōsis*) de sua origem divina e ao viver de acordo com a Verdadeira Vontade (*thelēsis*), pode romper os laços da Heimarmene e retornar ao Pleroma celeste. Assim, Heimarmene no hermetismo é tanto prisão quanto portão: a roda de ferro da encarnação que, uma vez compreendida, torna-se a espiral dourada da libertação.

¹³ Platão. A REPÚBLICA. Edipro, 2016, pp. 369.

experiências, para que a alma realizasse seu próprio bem, mesmo por meio do mal: *anima inter bona et mala sita*.¹⁴

Essa ideia foi refinada no platonismo tardio. Em vez de simplesmente selecionar entre destinos prontos, a alma passava a preparar sua encarnação: escolhia sexo, raça, nacionalidade, família, tipo de infância, educação e até a astrologia dos pais – pois seriam eles que moldariam sua personalidade até a puberdade. Ao atingir esse ponto, a alma receberia, como escreveu Crowley, a liberdade de: *Faz o que tu queres*.

Após revisar sua vida anterior e escolher um *lote* capaz de levá-la a um novo grau de aprendizado, a alma selecionava o tempo e local exatos do nascimento. Escolhia, portanto, sua Carta Natal – e assim, mesmo ao beber do Lete, as pistas de sua missão jamais seriam perdidas: estavam gravadas nas estrelas.

Então o Espírito era conduzido à presença da primeira das três Moiras para receber o Segundo Presente. Essas Moiras, as *Moīrai* (Moirae), eram as partidoras do destino, filhas de Anánke, a deusa da Necessidade. A primeira delas, vestida de branco, é *Láquesis* (Λάχαισις), a que sorteia os destinos. Ela girava o Fuso da Necessidade – que se estendia das Estrelas até a Lua – revelando o mapa adequado à vida escolhida. E então concedia o Segundo Presente: pois os deuses, embora tenham nos dado a Verdadeira Vontade, não se ocupam de ajudar-nos a cumpri-la.

Esse segundo presente é o *daimōn* (δαίμων), o espírito guardião – o Sagrado Anjo Guardião. Ele não é humano, nem completamente divino – é uma entidade intermediária, pessoal, que vela por nossa vida e realiza nossa escolha. Como escreve Platão, trata-se de: *Um guardião de sua vida e o executor da escolha*.¹⁵

O *daimōn* aparece nos VERSOS DOURADOS DE PITÁGORAS: *Pai Zeus, ó Rei, livra-me da loucura, pois tu governas tão grandemente; mostra-me, então, meu destino*.¹⁶ O filósofo estoico Epicteto (55–135 d.E.C.)¹⁷ aprofunda esse tema em suas DISSERTAÇÕES, ao observar: *Zeus colocou ao lado de cada homem um guardião, cada homem um daimōn, a quem confiou o cuidado desse homem; um guardião que nunca dorme, que nunca é enganado*.¹⁸

Apesar de existirem dezenas de referências ao *daimōn* na literatura grega antiga, a origem e o significado da palavra permaneceram fluidos ao longo dos séculos. Inicialmente, *daimōn* era um termo genérico para qualquer

¹⁴ Quer dizer, a alma colocada entre o bem e o mal. Carl Gustav Jung. MYSTERIUM CONIUNCTIONIS. Vozes, 2012, pp. 132.

¹⁵ Platão. A REPÚBLICA. Edipro, 2016, pp. 425.

¹⁶ Phil Mead. *On the Daemon*. Theandrus, Vol. I, No. 3, 2004, pp. 42.

¹⁷ Epicteto (55–135 d.E.C.) foi um dos maiores representantes do estoicismo tardio e uma das vozes filosóficas mais influentes do mundo greco-romano. Nascido como escravo na Frígia, foi levado ainda jovem para Roma, onde estudou sob a tutela do estoico Caio Musônio Rufo. Após conquistar sua liberdade, fundou sua própria escola de filosofia em Nicópolis, na Grécia. Sua doutrina enfatizava o domínio interno, a aceitação racional do destino e a distinção entre o que está sob nosso controle e o que não está – ideia que ressoaria profundamente nos séculos seguintes. Embora não tenha deixado escritos próprios, seus ensinamentos foram registrados por seu discípulo Arriano nas DISSERTAÇÕES e no ENCHIRIDION, textos que continuam a inspirar não apenas filósofos, mas também praticantes de tradições esotéricas, como o hermetismo e a astrologia, por sua abordagem ética da liberdade interior frente à ordem cósmica.

¹⁸ Epicteto. A ARTE DE VIVER: O MANUAL CLÁSSICO DA VIRTUDE, FELICIDADE E SABEDORIA. Sextante, 2018, pp. 44.

entidade invisível pertencente à região intermediária (*metaxu*), um domínio entre o humano e o divino.¹⁹ Essa região, debatida por filósofos antigos, não é nem o mundo das percepções conscientes nem o abismo do inconsciente, mas sim o espaço liminar entre os deuses e os homens – a ponte da alma. O *daimōn* manifesta-se como uma voz interna, a presença sutil que só se revela ao pensador.

Embora possa agir de forma maléfica, o *daimōn* não é essencialmente maligno. Ele é neutro: nem masculino nem feminino, mas ambos – energia pura, a semente de todas as possibilidades. Quando a alma escolhe sua encarnação, a Moira Láquesis convoca o *daimōn* correspondente para guiar o Espírito na realização da experiência escolhida. Importa pouco se essa vida será boa ou má – o papel do *daimōn* é conduzir a alma à realização de sua Verdadeira Vontade, permitindo que ela aprenda a discernir entre o bem e o mal.

Sócrates (470–399 a.E.C.) afirmou receber orientação de um *daimōn* pessoal, que o advertia silenciosamente sempre que estava prestes a cometer um erro. Em O BANQUETE, Platão oferece uma descrição luminosa da função do *daimōn*:

[...] são os mensageiros e intérpretes entre o céu e a terra, subindo com nossas adorações e preces, e descendo com as respostas e mandamentos celestiais. Por estarem entre os dois mundos, unem ambos os lados e os fundem num todo. São o meio através do qual operam as artes proféticas, os ritos sacerdotais de sacrifício, iniciação e encantamento, a adivinhação e a magia – pois o divino não se mistura diretamente com o humano, e é apenas por meio da mediação do mundo espiritual que o homem pode ter qualquer tipo de contato, desperto ou dormindo, com os deuses. E o homem versado nessas matérias é dito possuir poderes espirituais, em contraste com os poderes mecânicos dos que são hábeis apenas nas artes mundanas.²⁰

Na astrologia esotérica, acredita-se que o *daimōn* tem sua origem no *Sol por trás do Sol*, ou seja, na estrela central da constelação sob a qual a alma escolheu nascer. Láquesis convoca esse espírito guardião a partir do signo zodiacal correspondente e o conduz, através do Sol do nosso sistema, ao corpo físico. Por essa razão, ela é a Moira que rege o Sol na Carta Natal.

No platonismo tardio, filósofos como Jâmblico (245–325 d.E.C.)²¹ definiram o *daimōn* como *Augoeides* (Αὐγοειδής) – uma combinação dos termos

¹⁹ Veja Fernando Liguori. DAEMONIUM: CURSO DE FILOSOFIA OCULTA. Clube de Autores, 2019.

²⁰ Platão. DIALOGOS. Vol V. Edipro, 2014, pp. 77-8.

²¹ Jâmblico de Cálcis foi um dos mais notáveis filósofos do platonismo tardio. Nascido na Síria, Jâmblico não apenas sistematizou o pensamento platônico à luz dos ensinamentos místicos e oraculares do Oriente helenizado, mas também promoveu uma síntese inédita entre metafísica, religião e prática ritual - a *teurgia*. Sua principal obra, DE MYSTERIIS AEGYPTIORUM, é uma longa resposta às objeções racionalistas de Porfírio, nas quais Jâmblico defende a superioridade da prática teúrgica sobre o conhecimento puramente filosófico, afirmando que somente a intervenção dos deuses – por meio de ritos revelados – pode conduzir a alma à união com o divino.

Na obra, Jâmblico introduz uma teologia hierárquica de deuses, *daimones* e almas, e articula uma doutrina da alma profundamente enraizada na astrologia, nos mistérios egípcios e caldeus, bem como nas práticas oraculares e mágicas do mundo greco-romano. Ele formula, por exemplo, o conceito do *daimōn pessoal* – posteriormente conhecido como Sagrado Anjo Guardião – como um princípio intermediário entre o Espírito divino e a psique encarnada. Esse ser acompanha a alma desde antes da encarnação, e sua identificação torna-se uma das tarefas centrais do magista na jornada iniciática. Essa ideia será retomada séculos depois na tradição da magia renascentista, especialmente nas obras de Marsilio Ficino (1433–1499), Giovanni Pico della Mirandola (1463–1494), e nas doutrinas ocultistas da CLAVIS ALCHIMIAE, da astrologia hermética e do grimório DE OCCULTA PHILOSOPHIA de Heinrich Cornelius Agrippa (1486–1535).

gregos *auge* (luz radiante) e *eidos* (forma), indicando a luz de uma estrela que assume forma. O *Augoeides* era descrito como uma luz celestial revestida na forma essencial do ser humano. A princípio, acreditava-se que ele não encarnava, mas irradiava sua luz a partir de um plano espiritual próximo. Com o tempo, compreendeu-se que o *Augoeides* envolve o corpo como uma veste, acompanhando cada movimento e sussurrando intuições – razão pela qual ele deve estar em harmonia com o signo zodiacal da alma.

Concedido o *daimōn*, ele conduz o Espírito até a Moira Klotho (Κλωθώ), a *Fiandeira*, responsável por revisar a carta Natal e ratificar a vida escolhida. Ela rege a Lua no horóscopo, pois a Lua reflete a luz solar – a encarnação como reflexo da Vontade espiritual. Klotho oferece ao Espírito uma estrutura de percepção: aquilo que chamamos de alma. Enquanto o Espírito é o princípio divino puro, a alma é sua projeção consciente, o ponto de vista encarnado que permite a experiência. O Espírito é sopro – *spiritus* –, princípio vital e eterno. A alma é o instrumento perceptivo que permite ao Espírito funcionar no mundo: consciente, onírico e inconsciente.

Segundo os gregos, podemos perder nossa alma ao desviar-se da Vontade, desperdiçando a encarnação. Por fim, o Espírito é levado à presença de Átropos (Ἄτροπος), a mais velha das Moiras, *a que não se desvia*. Ela sela a encarnação, tornando-a absoluta e irrevogável, cortando o fio da vida com suas *detestadas tesouras*. Átropos rege o Ascendente – o ponto da aurora do nascimento – e determina como e quando morreremos. O Ascendente, como *portal da personalidade*, é onde nossa jornada se torna visível, e representa a própria personalidade do *daimōn* e, portanto, as inclinações do comportamento da alma no mundo.

Compreender o legado dessa mitologia sobre as Moiras é de importância capital. Ela não apenas ilumina a origem da Carta Natal, mas também ajuda a decifrar os fundamentos da teoria mágica moderna, especialmente no que se refere à jornada do Espírito através do nascimento, da vida e da morte. Por exemplo: o Sol – o centro do nossa carta Natal – é tradicionalmente visto como a representação do Espírito humano em sua trajetória do amanhecer à meia-noite, do nascimento à morte. As quatro adorações solares – como no LIBER RESH – correspondem a esse ciclo: a primeira ao leste, ao nascer do Sol (nascimento); a segunda ao sul, ao meio-dia (vida); a terceira ao oeste, no pôr do Sol (morte); e a quarta ao norte, à meia-noite (o reino dos mortos).

De modo simbólico, a jornada do Sol reflete a jornada de Er no MITO DE ER. Enquanto está no mundo dos mortos (norte), Er é levado até Láquesis (leste), que lhe ensina *o que foi* e o auxilia a escolher um novo nascimento. Depois, ele é conduzido a Klotho (sul), que mostra *o que é* e ratifica a vida escolhida. Por fim, ele se encontra com Átropos (oeste), que revela *o que será* e representa a Morte. A jornada de Er é um arquétipo da alma humana – um espelho do inconsciente coletivo que, como todo grande mito, nos ensina

A influência de Jâmblico estende-se para além do Renascimento, atravessando as correntes rosacruz, a teosofia moderna e o *Ocultismo* contemporâneo. Na magia moderna, sua teurgia foi reinterpretada por ordens como a *Ordem Hermética da Aurora Dourada* e a A.:A.: de Aleister Crowley, onde o contato com o *Sagrado Anjo Guardião* ecoa diretamente a doutrina jâmblica do *daimōn*.

sobre o passado, o presente, o futuro, e sobre o eterno retorno da alma ao mundo da experiência. E porque Er não bebeu das águas do esquecimento, o mito ainda vive.

CONCLUSÃO: A ESTRELA QUE CONDUZ

A astrologia, para o thelemita, não é um instrumento de previsão, mas um mapa de memória – um espelho cósmico onde a alma contempla os contornos de sua escolha primordial. A Carta Natal é o selo astral da Verdadeira Vontade, e o *daimōn* ou Sagrado Anjo Guardião, sua testemunha e executor silencioso. Compreender os símbolos que emergem do céu do nascimento é, portanto, recuperar a linguagem perdida da alma, relembrando o pacto assinado antes da descida ao mundo. Ao contrário do fatalismo superficial que tantos associam à arte astrológica, aqui ela ressurge como uma ciência sagrada do auto-conhecimento e da reintegração, onde liberdade e necessidade dançam como pares inseparáveis.

Neste capítulo, contemplamos os fundamentos tradicionais da astrologia através da filosofia grega, da simbologia platônica, das doutrinas dos antigos mistérios e da hermenêutica esotérica moderna. Mas este é apenas o limiar. Pois se a astrologia revela o caminho, apenas a iniciação o percorre. Não basta conhecer os símbolos – é preciso vivê-los. Não basta decifrar o horóscopo – é necessário torná-lo carne, voz, gesto. A estrela que guia o nascimento não cessa de brilhar; ela nos chama de volta ao centro, de volta ao Sol por trás do Sol.

Que este início sirva como ponto de partida para uma jornada mais profunda, onde o mapa celeste se transforme em rito, e o saber astrológico em prática da Vontade. Pois, como afirmava o Mestre Therion: *O que está escrito nas estrelas não é um destino imposto – é um chamado a ser escutado*.²² Que possamos, pois, escutar esse chamado com clareza, coragem e consciência.

Amor é a lei, amor sob vontade.

A série ASTROLOGIA PARA THELEMITAS será completamente desenvolvida em uma edição de O OLHO DE HOOR. Este é um *Jornal de Pesquisas Thelêmicas* produzido pelo *Outer College Brasil*, linha de transmissão da A:·A:· através de Frater AHA-ON, 777 ∴.

²² Em Evangeline Smith Adams. *ASTROLOGY: YOUR PLACE AMONG THE STARS*. Frederick Muller, 1931, pp. 301.